

**Sindicalistas, privatização e outras histórias:  
o caso da Companhia Siderúrgica Nacional**

*Sergio Martins Pereira\**

Resultado de minha tese de doutorado, este trabalho enfoca a experiência “dentro e fora da fábrica” de militantes do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda (SMVR) em um momento particular de sua trajetória: a transição entre os anos 1980 e 1990. Nesse período, a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), principal base de trabalhadores do sindicato, foi alvo de um considerável processo de redução de pessoal cujo horizonte seria sua privatização. Apesar do forte envolvimento com setores combativos em evidência nos anos 1980 (Igreja Católica, PT, CUT), parte dos militantes do SMVR se apresentaria na década seguinte como favoráveis à privatização da CSN, conquistando o sindicato em 1992. A identidade coletiva dos trabalhadores da Cidade do Aço e seu legado de lutas seriam esquecidos, apropriados ou reinventados no contexto dos anos 1990?

A disputa interna pelo poder estabelecida entre as lideranças do SMVR; as bases sociais que constituíram o sindicato e alimentaram essa dinâmica conflitiva e; o lugar ocupado pelas trajetórias e projetos pessoais nessa mesma dinâmica foram alguns dos elementos reunidos para a análise da trajetória recente dos trabalhadores e sindicalistas de Volta Redonda.

**PALAVRAS-CHAVE: SINDICALISMO, VOLTA REDONDA, PRIVATIZAÇÃO**

---

\* Doutor em Sociologia pelo PPGSA/UFRJ e Professor Substituto do Departamento de Ciência Política do IFCS/UFRJ.

**Introdução**

Este trabalho enfoca a experiência “dentro e fora da fábrica” de militantes do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda (SMVR) em um momento particular de sua trajetória: a transição entre os anos 1980 e 1990. Nesse período, a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), principal base de trabalhadores do sindicato, foi alvo de um considerável processo de redução de pessoal cujo horizonte seria sua privatização.

Apesar do forte envolvimento com setores combativos em evidência nos anos 1980 (Igreja Católica, PT, CUT), parte dos militantes do SMVR se apresentaria na década seguinte como favoráveis à privatização da CSN, conquistando o sindicato em 1992. A identidade coletiva dos trabalhadores da Cidade do Aço e seu legado de lutas seriam esquecidos, apropriados ou reinventados no contexto dos anos 1990?

A disputa interna pelo poder estabelecida entre as lideranças do SMVR; as bases sociais que constituíram o sindicato e alimentaram essa dinâmica conflitiva e; o lugar ocupado pelas trajetórias e projetos pessoais nessa mesma dinâmica foram alguns dos elementos reunidos para a análise da trajetória recente dos trabalhadores e sindicalistas de Volta Redonda.

**Da periferia ao sindicato**

A amizade entre Luiz de Oliveira Rodrigues, o Luizinho, e Luiz Antônio Vieira Albano remonta ao período de suas juventudes, quando ambos tiveram sua formação política atuando nos movimentos sociais das áreas de periferia de Volta Redonda. Antes porém, os futuros sindicalistas já haviam partilhado a experiência de vida no Conforto, bairro operário mantido pela CSN.

A família de Luizinho teve de deixar a casa mantida pela CSN em 1959, após a demissão de seu pai, que trabalhava na CSN desde sua construção. Já nos anos 1970, a aposentadoria do patriarca fez com que a família de Albano também se transferisse compulsoriamente para a chamada “periferia leste”<sup>1</sup>.

Como observado em diferentes regiões do país desde os anos 1960, em Volta Redonda o encontro entre a periferia e a ação político-social da Igreja Católica, influenciou diretamente a formação de lideranças dos movimentos social e operário. A conjugação entre as experiências

---

<sup>1</sup> Área limítrofe entre os municípios de Volta Redonda e Barra Mansa, onde se expandiram desde os anos 1960 áreas de posse e favelas, marcadas pela falta de saneamento e atenção do poder público.

católica e operária, vale dizer, constituiu-se como uma das bases para a organização do Novo Sindicalismo<sup>2</sup>.

Sob esse aspecto, a trajetória de Luizinho esteve mais claramente associada ao movimento da Igreja. Quando jovem, o sindicalista integrou as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e a Pastoral Operária (PO). De qualquer forma, como muitos operários, seja nos bairros ou nas fábricas, Luizinho e Albano tiveram contato com o grupo de Oposição Sindical que se organizava na Cidade do Aço ao final dos anos 1970.

O momento geral do Novo Sindicalismo vivido pelo sindicalismo brasileiro a partir de fins da década de 1970 teve sua afirmação em Volta Redonda com a ascensão da Oposição Sindical em 1983. Sua principal liderança, Juarez Antunes, foi presidente do Sindicato dos Metalúrgicos (1983-1987), Deputado Federal Constituinte (1986) e Prefeito de Volta Redonda (1989). Apesar de um momento de grande organização de suas bases, o sindicalismo da cidade-empresa experimentou toda uma complexidade de questões internas durante os anos 1980.

A chapa encabeçada por Juarez Antunes em 1983, por exemplo, só contou com o apoio de militantes de setores minoritários da Igreja, como a Pastoral Operária (PO). Já o setor majoritário, ligado à Ação Católica Operária (ACO), apenas emprestaria seu apoio no segundo turno das eleições, não ocupando diretoria eleita. Já Luizinho e Albano, associados à liderança de Juarez Antunes, compuseram a chapa vitoriosa em 1983, tornando-se diretores do SMVR.

### **Greves e “rachas”**

Em 1984, durante a primeira greve ocorrida nos 43 anos de existência da CSN, discordâncias internas provocaram uma primeira cisão no grupo que havia chegado ao sindicato no ano anterior. Um grupo de ativistas tidos como mais radicais então ligados a correntes de orientação trotskista<sup>3</sup> ou à Pastoral Operária foi expulso do sindicato. Neste grupo estava Luiz de Oliveira Rodrigues.

Diferente dos demais membros da dissidência, Luizinho teve seu retorno ao sindicato negociado. Além do fato de que uma oposição naquele momento representaria para Luizinho a perda do cargo de diretor do SMVR, ou mesmo uma possível demissão da CSN, como

---

<sup>2</sup> (RODRIGUES, 1991). Para uma análise dessa relação entre Igreja Católica, periferia e movimento social e, sobretudo, da sua importância política no contexto das décadas de 1960 e 1970, ver WEFFORT (1972) e MARTINS (1994).

<sup>3</sup> Neste ínterim, “Convergência Socialista”, nome da corrente à qual nem todos dissidentes estavam organicamente ligados, tornou-se uma categoria acusatória e mais uma componente do pesado arsenal do qual Juarez Antunes e seus aliados lançaram mão.

aconteceu com outros envolvidos no episódio<sup>4</sup>, o militante contou com a intervenção de Luiz Albano a seu favor. Àquela altura, Albano já se destacava como liderança no SMVR, bem com pela influência sobre Juarez Antunes.

Apesar dessa reaproximação com Juarez Antunes, as possibilidades de ascensão interna ficariam mais limitadas para Luizinho, principalmente a partir de 1986, com a incorporação pela diretoria do sindicato de militantes ligados ao campo hegemônico da Igreja, a ACO. Com este apoio, Juarez se reelege no SMVR em 1986, mesmo ano que se lança na carreira política, sendo eleito deputado constituinte. Como forma de manter sua influência sobre seus aliados, sejam os mais “antigos”, como Luiz Lopes Neto e Luiz Albano, ou os mais “novos” como Vagner Barcelos, Juarez já havia alçado Marcelo Felício vice-presidente.

Ainda que estivesse de certa forma num “segundo nível” dessa disputa, Luiz Rodrigues teria um papel bastante relevante no movimento de 1988, sobretudo fora do sindicato, na articulação da luta operária com os movimentos sociais de Volta Redonda. Depoimentos e fontes chegam a atribuir a ele a concepção e organização do “Abraço à CSN”<sup>5</sup>, ato em repúdio à intervenção militar de novembro de 1988.

O ano de 1989 iniciou com posse do primeiro prefeito operário de Volta Redonda e depositário de muitas expectativas. Após 52 dias, entretanto, em 21 de fevereiro daquele ano, Juarez Antunes morre em acidente de automóvel enquanto se dirigia para Brasília<sup>6</sup>.

No Sindicato dos Metalúrgicos, a ausência do poder centralizador e conciliador de Juarez Antunes faria expandir as divergências entre aqueles que, no decorrer da greve de 1988, já se apresentavam como lideranças em grande ascensão: Marcelo Felício, Luiz Albano e Vagner Barcelos.

Após uma “prévia”, Vagner sagrou-se cabeça de chapa, mas tendo que dividir a indicação para os cargos de direção com Albano e Marcelo. Luizinho fez jus a uma das indicações deste último, mantendo-se como diretor do sindicato. Coligado com essas lideranças, Vagner venceu seus adversários “externos”<sup>7</sup> com 85,42% dos votos<sup>8</sup>. No interior da diretoria,

---

<sup>4</sup> Não foram poucas as acusações feitas pelo grupo dissidente em seus boletins, congressos da CUT e do PT e na imprensa local quanto à relação entre o “racha” no sindicato e suas demissões pela CSN e demais empresas.

<sup>5</sup> Segundo GRACIOLLI (1997:156), esse ato público foi organizado pela Frente Popular Sindical de Volta Redonda, coordenada pelos militantes metalúrgicos Vanderlei, Vagner Barcelos e Luizinho.

<sup>6</sup> O acidente ocorreu em Felizlândia, km 360 da BR 040 (Rio-Brasília), lugarejo próximo a Três Marias (MG). A viagem de Juarez tinha por objetivo a devolução do apartamento funcional a que fazia jus enquanto deputado federal. Alberto Vicente da Cruz, seu motorista, com fratura em duas costelas e cortes no braço, sobreviveu.

<sup>7</sup> Concorreram naquele pleito mais três chapas: a Chapa 2, apoiada pela CGT, integrada por Luiz Lopes Neto e outros diretores afastados entre 1988 e 1989; a Chapa 3, formada por antigos diretores ligados a Waldemar Lustoza, presidente do SMVR (1974-1982); e a Chapa 4, liderada por Carlos Alexandre Honorato, o “Cerezo”, também ligado à CUT e ao grupo de dissidentes da greve de 1984 (MANGABEIRA, 1993 e GRACIOLLI, 1999).

entretanto, o novo presidente teria sua atuação limitada pelo poder “de fato” assumido por Marcelo Felício e Luiz Albano.

### **O processo de privatização**

Em 18 de abril de 1990, o engenheiro Roberto Procópio de Lima Netto<sup>9</sup> assumiu a presidência da CSN tendo como missão “recuperar” a empresa antes de sua venda ao capital privado. Não obstante paralisações, atos públicos, negociações e ações judiciais promovidas pelo sindicato, o programa implementado por Lima Netto reduziu o efetivo da CSN em 4.100 trabalhadores só no primeiro ano<sup>10</sup>.

Se por um lado Vagner Barcelos, buscou associar o presidente da Companhia ao Governo Collor, aproveitando-se do clima de desconfiança e insatisfação gerado pelas demissões. Do outro, Lima Netto lançava mão do aparato institucional de uma empresa estatal não só para atacar Vagner e a CUT, mas sobretudo para capitanear a proximidade com os trabalhadores ao seu favor.

Em meio a hostilidades mútuas, a campanha salarial de 1990 fez categoria e CSN conhecer a mais longa paralisação de sua história. Embora estivesse no horizonte da categoria, a greve desde o seu início não era um consenso no interior da diretoria do SMVR.

Na reunião que decidiu a posição do sindicato pela greve, apesar do voto contrário do grupo ligado a Vagner, prevaleceu a vontade da maioria dos diretores, entre estes Bartolomeu Citeli, ligado à Articulação Sindical, e Luiz de Oliveira Rodrigues. Votada e aprovada em uma assembléia, a greve teve início no dia 11 de julho de 1990. No decorrer do movimento, as posições entre diretores foram se redefinindo, o que contribuía para um maior isolamento de Vagner. Albano e Luizinho, designados pelo próprio sindicato, passariam a atuar como interlocutores informais entre o sindicato e a diretoria da CSN.

Como nas paralisações anteriores, Lima Neto dirige-se para a cidade do Rio de Janeiro, recusando-se a negociar, instaurando também o dissídio coletivo no Tribunal Superior do Trabalho (TST). Mesmo julgada abusiva e ilegal, a greve ainda foi mantida até 11 de agosto, quando sob a ameaça de demissão por justa causa uma assembléia pôs fim ao movimento<sup>11</sup>.

---

<sup>8</sup> Muitos sindicalistas de Volta Redonda até hoje ressaltam a vitória de Vagner por ter sido superada apenas pela marca obtida por Juarez Antunes em 1986 (16.598 votos ou 86,3%).

<sup>9</sup> Nascido em Belo Horizonte – MG, em 1940, Lima Netto formou-se engenheiro civil Universidade Federal Mineira (1962), possui mestrado em Engenharia Mecânica e Doutorado em Planejamento de Sistemas Econômicos ambos pela Stanford University. Atuou como diretor executivo em agências financeiras estatais nos anos 1970 e 80 como BNDES, FINAME e Investimentos Brasileiros S.A. (IBRASA). Nos últimos anos, entretanto, Lima Netto vinha atuando como executivo nas empresas do Grupo Monteiro Aranha.

<sup>10</sup> SENGE (1997).

<sup>11</sup> GRACIOLLI (1999:105).

Sob alegação atitudes abusivas durante a greve, mais de 50 trabalhadores foram demitidos por justa causa, inclusive 8 diretores do sindicato e 12 membros de CIPA. As campanhas salariais subseqüentes (1991 e 1992) foram marcadas não apenas pela ausência de movimentos paredistas, mas sobretudo pelo agravamento das dissidências dentro do Sindicato dos Metalúrgicos.

Desde que Lima Netto assumira o comando da CSN, Luiz Albano já se mostrava como um interlocutor entre o sindicato e o presidente da Companhia, sua atuação, contudo, se transformou ao longo do tempo. Mesmo sendo o porta-voz do sindicato, Albano se encontrava insatisfeito com a disputa interna onde Vagner Barcelos prevalecia. De *inimigo, agressivo e contra*, em pouco tempo Albano se tornaria *um dos melhores amigos* de Lima Netto em Volta Redonda (LIMA NETTO, 1993:29). Luiz Rodrigues, por sua vez, não gozava do mesmo poder conquistado por Albano dentro e fora do sindicato. Apesar atuar junto aos movimentos sociais, pesava sobre sua liderança o estigma de “traidor”, sendo visto com desconfiança por Vagner Barcelos e outras lideranças do SMVR.

A partir do momento que Luizinho e Albano mostram-se cada vez mais alinhados com a direção da empresa a permanência destes se torna insustentável no sindicato. Os dois líderes e mais 6 diretores tiveram a expulsão do SMVR determinada por assembléia em agosto de 1991<sup>12</sup>. A partir de então, o grupo se auto-intitula Formigueiro e passa a atuar na mediação das negociações entre trabalhadores e Lima Netto e na defesa da participação dos trabalhadores na privatização da CSN, visando as eleições sindicais de 1992.

Naquele momento, a Força Sindical (FS) se apresentou para o Formigueiro como uma possibilidade de político-sindical. Para Luizinho isto também uma alternativa à condição subordinada em que se encontrava no SMVR, numa ascensão sem precedentes em sua trajetória.

O contato entre o Formigueiro e a Força Sindical se daria a partir de laços desenvolvidos por Luizinho dentro do campo em que atuava, o movimento sindical “combativo”, cujas raízes remontam às oposições sindicais dos anos 1980.

Na direção [da Força Sindical] eu acho o José Ibrahim, de Osasco, era meu chapa, participamos juntos da fundação da CUT [...]; Lúcio Belantani, que foi um puta camarada da Ford, presidiu a confederação [...] e vim a encontrar o Alemão, que era uma referência para mim. [...] Então, eu vejo os três caras lá: “essa central não pode ser tão vagabunda se esses três caras estão aqui”. Aí comecei a pensar diferente, falei: “pô, o Lúcio lá, Alemão, José Ibrahim”, pensei diferente. Aí o que eu faço? Eu dou um fio para o Lúcio.<sup>13</sup>

<sup>12</sup> Boletim 9 de Novembro, 14 e 15/08/1991.

<sup>13</sup> Luiz de Oliveira Rodrigues, outubro de 2005. José Ibrahim, membro da oposição sindical metalúrgica de Osasco (SP) nos anos 1960, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco em 1967, foi líder da greve na

O Formigueiro também procurou bases para a sua empreitada político-sindical numa interpretação própria do passado sindical de Volta Redonda que atribuía a seus membros a condição de herdeiros dos “tempos” e do “grupo do Juarez”: Albano, Luizinho e João Nery Campanário<sup>14</sup>. A própria idéia que deu origem ao nome “Formigueiro” remonta à frase *mataram uma formiga, mas não mataram o formigueiro*<sup>15</sup>, surgida mobilizações ocorridas imediatamente à morte de Juarez Antunes. Essa espécie de “mito fundante”, aparentemente aleatório, tornava o mais anônimo dos personagens de Volta Redonda portador de uma memória coletiva arraigada entre militantes e moradores de Volta Redonda<sup>16</sup>.

Para as eleições sindicais, além desse poder simbólico e do apoio cada vez mais aberto do presidente da CSN<sup>17</sup>, o Formigueiro também contou com um enfraquecimento de Vagner Barcelos no interior do SMVR e da CUT. Na formação da chapa cutista, setores ligados à Articulação Sindical, capitaneados por Bartolomeu Citeli e Jadir Baptista<sup>18</sup>, vetaram a aliança com setores que apoiavam Vagner<sup>19</sup>. Divididas, as forças que sustentavam o sindicato convocaram uma convenção para decidir a composição final da chapa. Vagner Barcelos sairia vitorioso, mas as divergências internas levaram a uma campanha pouco apoiada pelo campo majoritário da CUT.

---

Cobrasma de 1968, um dos movimentos que ficariam conhecidos como *embrião* do Novo Sindicalismo (cf. WEFFORT, 1972). Lúcio Belantani, militante do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, foi membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB) nos anos 1960 e 1970. Nos anos 1980, integrou o Movimento de Oposição Metalúrgica de São Paulo (MOMSP), participando da criação do PT e da CUT, onde também fazia parte da corrente Articulação Sindical. Enilson Simões de Moura, o Alemão, foi metalúrgico, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC e um dos líderes das greves de 1979 e 1980.

<sup>14</sup> Advogado do SMVR desde 1983 e antigo aliado de Juarez Antunes, acompanhou os diretores expulsos em 1991 na formação do Formigueiro, passando desde então a advogar para grupo.

<sup>15</sup> Batatais, o autor da frase, dependendo da fonte consultada, era um mendigo, um militante, um desconhecido ou simplesmente um *rapaz que vivia lá no meio da gente* (Marcelo Felício, outubro de 2005). Um primeiro registro da frase foi encontrado num panfleto distribuído pelo sindicato no enterro morte de Juarez Antunes, em 1989.

<sup>16</sup> O termo “formigueiro” remete também aos primeiros anos da CSN e da cidade de Volta Redonda, quando estas são descritas como “formigueiro” ou “colméia” (MOREL, 1989:88). Outra referência bastante comum, já nos anos 1980, diz respeito ao “trabalho de formiguinha” empreendido por trabalhadores e sindicalistas na organização do movimento sindical (Boletim 9 de Novembro, 10/12/1990; 14 e 15/02/1990). Além disso, não podemos perder de vista o imaginário de esquerda que alimentava os projetos e o ideário dos militantes de Volta Redonda, especialmente com relação a célebre frase de Che Guevara, *Podrán cortar todas las flores, pero nunca terminarán con la primavera*, comumente “traduzida” em Volta Redonda nos anos 1980 (PEREIRA, 2007).

<sup>17</sup> Durante a campanha eleitoral sindical, Lima Netto chegou até mesmo a ocupar o palanque do Formigueiro, além de oferecer explicitamente vantagens econômicas em caso de vitória da política de “parceria” proposta pelo grupo (PEREIRA, 2007).

<sup>18</sup> Ainda que fosse ligado ao PDT, Bartolomeu Citeli da Silva, então diretor financeiro do sindicato, também se encontrava sob influência da Articulação Sindical, também conhecida como campo majoritário da CUT, que tinha no diretor de base Jadir Baptista de Araújo seu principal representante em Volta Redonda.

<sup>19</sup> Membro da corrente CUT pela base, Vagner contava também com apoio de militantes da Convergência Socialista e do Pcdob (cf. GRACIOLLI, 1999:125).

Nas eleições sindicais de 1992 observamos uma polarização entre a Chapa 1, encabeçada por Wagner da CUT, e a Chapa 4, formada pelo Formigueiro, tendo Luiz de Oliveira Rodrigues como presidente e o apoio da Força Sindical<sup>20</sup>. A campanha eleitoral teve a proposta de privatização da CSN como principal ponto dos discursos concorrentes. Para as chapas 1 e 4, isto constituía um verdadeiro divisor de águas uma vez que estas se mostravam, respectivamente, como contrária e favorável à venda da Companhia. Luiz Rodrigues foi eleito o novo presidente do SMVR com 48,8% dos votos, consolidando um importante passo para a chamada política de “parceria”, que tinha a privatização da Companhia em seu horizonte.

No dia 2 de abril de 1993, a uma semana de completar 52 anos de sua fundação, a Companhia Siderúrgica Nacional foi a leilão. Como parte do grupo vencedor, o Clube de Investimentos CSN, entidade apoiada pelo sindicato e pela empresa, reuniu cerca de 30 mil membros, sua maioria trabalhadores ativos e aposentados da Companhia, e adquiriu 11,9% do controle acionário da empresa.

### **Trajetórias e projetos**

Podemos observar o processo de privatização da CSN como um momento que abriu uma gama de possibilidades para projetos de natureza variada (econômica, política, sindical etc.), que também foram experimentadas como “oportunidades” no nível pessoal.

Um primeiro exemplo desse entrelaçamento entre contexto e trajetórias individuais, seria o do próprio presidente da CSN. Roberto Procópio de Lima Netto, que havia sido demitido pelo governo em dezembro de 1992, foi reconduzido à presidência da CSN após a privatização. Pelo conjunto dessa experiência, o empresário teve seu nome projetado como executivo de sucesso, alçando também uma carreira no campo editorial. Além disso, articulações envolvidas no processo também lhe conferiram credenciais para a atuação no campo político, sendo eleito deputado federal em 1994.

Para Luiz Antônio Vieira Albano, o encontro entre a experiência sindical dos anos 1980 e o momento da privatização também proporcionou bases para uma carreira empresarial. Uma vez que a vida sindical há muito já não vinha contemplando seus projetos político-pessoais, após o

---

<sup>20</sup> A Chapa 2 trazia à frente o ex-presidente Waldemar Lustoza Pinto. A Chapa 3, era organizada pelos militantes do Luta Metalúrgica, também ligados à CUT, trazendo mais uma vez Carlos Alexandre Honorato, o “Cerezo”, como cabeça. Vale destacar a ausência de Marcelo Felício, ex-presidente do SMVR. O mesmo acontecendo com Luiz Antônio Vieira Albano que também não figurava, como seria esperado, na chapa do Formigueiro.



processo da CSN, Albano passou a atuar na venda de outras estatais e como consultor no setor de energia, abandonando o sindicalismo<sup>21</sup>.

Luiz de Oliveira Rodrigues, tendo permanecido no campo sindical, teve sua carreira redimensionada em face da projeção do SMVR com a privatização da CSN e das relações com a Força Sindical. Presidente do SMVR, foi indicado como representante dos trabalhadores acionistas no conselho administrativo da CSN. Ao mesmo tempo em que consolidava sua liderança entre os metalúrgicos, reeleito em 1995, a trajetória do sindicalista ganharia outros projetos para fora de Volta Redonda. Foi conselheiro do BNDES em 1996, indicado pela Força Sindical e vice-presidente (1997-1999) e presidente (1999-2005) da Confederação Nacional dos Trabalhadores Metalúrgicos (CNTM), também ligada à FS.

### **Considerações finais**

Apresentamos o contexto da privatização da CSN e, principalmente, a fragmentação interna do SMVR como parte de um momento de transformações da realidade econômica e sindical do país. Contudo, descemos ao nível dos projetos e das trajetórias pessoais para destacarmos os diferentes rumos ou desdobramentos que teve a combinação entre a experiência operária e sindical de Volta Redonda e os caminhos abertos ou as limitações impostas pelo contexto dos anos 1990

Neste ponto podemos tomar o pensamento de GOMES (2005), para destacar que o Formigueiro, como indicado pela própria relação do nome com uma memória coletiva local, buscou reverter em seu favor elementos simbólicos e identitários caros aos trabalhadores e moradores da Cidade do Aço, fazendo com isso prevalecer sua *versão*, ou reinvenção, da voz operária das décadas anteriores no *contexto discursivo* dos anos 1990 e da privatização da CSN. Ainda que tenha contribuído para o sucesso do empreendimento do grupo (I) as divisões internas na CUT e o desgaste do movimento sindical observados ao final dos anos 1980 e (II) a interferência direta de Lima Netto e do poder da Companhia, destacamos as próprias trajetórias de Luizinho e Albano como parte constitutiva do rumo tomado pelo SMVR nos anos 1990.

---

<sup>21</sup> Dependendo do grau de proximidade, ou de rejeição, do entrevistado em relação a Luiz Albano, o ex-sindicalista teria se tornado “executivo de multinacional”, “consultor” ou “lobista”.

**Bibliografia**

**GOMES**, Angela Maria de Castro.

2005. *A invenção do trabalhismo*. 3ª. Edição. Rio de Janeiro: Editora FGV.

**GRACIOLLI**, E. J.

1997. *Um caldeirão chamado CSN: resistência operária e violência militar na greve de 1988*. Uberlândia: UFU.

1999. *Um laboratório chamado CSN: greves, privatização e sindicalismo de parceria (a trajetória do sindicato dos metalúrgicos de Volta Redonda – 1989-1993)*. Tese de Doutorado IFCH/UNICAMP.

**LIMA NETO**, Roberto Procópio de.

1993. *A volta por cima: a história da salvação da CSN – Companhia Siderúrgica Nacional, símbolo da industrialização brasileira*. Rio de Janeiro: Record.

**MANGABEIRA**, Wilma.

1993. *Os dilemas do Novo Sindicalismo: democracia e política em Volta Redonda*. Rio de Janeiro: ANPOCS/Relume-Dumará.

**MARTINS**, Heloisa de Souza.

1994. *Igreja e Movimento Operário No ABC: 1954-1975*. São Paulo: Hucitec/Prefeitura de São Caetano do Sul.

**PEREIRA**, Sérgio Martins.

2007. *Sindicalismo e privatização: o caso da Companhia Siderúrgica Nacional*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia – IFCS/UFRJ.

**RODRIGUES**, Leôncio Martins.

1990. *CUT: os militantes e a ideologia*. São Paulo: Paz e Terra.

1991. “As Centrais Sindicais no Brasil”. In: BOITO JR (org.). *O sindicalismo brasileiro nos anos 80*. São Paulo: Paz e Terra.

**SANTANA**, Marco Aurélio

2006. “Trabalhadores e Política no Sul Fluminense: a experiência de Volta Redonda nos anos 1980”. In: RAMALHO e SANTANA (org.). *Trabalho e Desenvolvimento Regional: efeitos sociais da indústria automobilística no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Mauad.

**VEIGA**, Sandra Mayrink e **FONSECA**, Isaque.

1990. *Volta Redonda, entre o aço e as armas*. Petrópolis, Vozes.

**WEFFORT**, Francisco C.

1972. Participação e conflito industrial: Contagem e Osasco, 1968 (*Caderno CEBRAP 5*). São Paulo: CEBRAP.

**Outras Referências**

**9 de Novembro**

Boletim oficial do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda (1989-2006).

**Sindicato dos Engenheiros de Volta Redonda (SENGE-VR)**

*O Peso da Realidade*. 1998.